

**CHERCHEZ LA FEMME: (AUTO)BIOGRAFIA E ROMANCE POLICIAL EM MEUS LUGARES ESCUROS, DE JAMES ELLROY**

**Valéria da Silva MEDEIROS<sup>9</sup>**

**Núbia Régia de ALMEIDA<sup>10</sup>**

**Resumo:** Neste artigo, nos deteremos nos aspectos que tornam o romance um tecido fino onde se entrelaçam fios de autobiografia (a vida do autor), biografia (da mãe do autor) e romance policial (a retomada da investigação sobre a morte misteriosa desta), impossibilitando sua classificação em um ou outro gênero. O romance joga a sombra da biografia do autor sobre toda sua obra, demandando uma revisão do que seria o romance policial contemporâneo para além da reelaboração dos elementos da narrativa de enigma do século XIX – o detetive, o narrador e o objeto da investigação.

**Palavras-chave:** Literatura Contemporânea. Romance Policial. Biografia. Autobiografia.

**Abstract:** *In this article, we will focus on the aspects that make the novel a fabric woven with the threads of autobiography (the life of the author), biography (of the author's mother) and police novel (the resumption of the investigation on the mysterious death of this), precluding its Classification into one or the other genre. The novel throws shadows at the author's biography upon all his work demanding a review of what would be the contemporary police novel. In addition to the reelaboration of the elements of the XIXth century enigma narrative –the detective, the narrator and the object of the investigation.*

**Keywords:** *Contemporary Literature. Detective Novel. Biography. Autobiography.*

---

<sup>9</sup> Docente da Graduação em Letras, Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura e Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: medeiros.vs@hotmail.com

<sup>10</sup> Professora da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins e Doutora em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: nubiaregia20@gmail.com

## Introdução

As hipóteses que norteiam a elaboração desta reflexão sintetizam-se na figura do enigma como metáfora da construção de sentido em todas as esferas da experiência humana. No âmbito desta perspectiva geral serão analisados comparativamente os pressupostos subjacentes a dois modelos, institucionalizados ou individualmente assumidos que, hoje, se encontram em campos opostos, separados por uma mudança paradigmática. A metodologia utilizada consiste em uma abordagem qualitativa de investigação bibliográfica. Em um exercício comparativista, foram acionadas, para tanto, referências de autores que se debruçam sobre os pressupostos epistemológicos que balizaram o surgimento da narrativa de enigma no século XIX – a saber, o Positivismo – e aqueles que apontam para a mudança de tais pressupostos em um momento geralmente apontado como pós-Positivista, marcadamente a partir dos anos 80, tendo como marco o lançamento de *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1983, no Brasil), logo alçado à condição de *best seller* mundial. Apesar do quadro epistemológico alterado e o interesse de autores não identificados com o gênero policial e a cultura de massa, esta literatura continua a atrair leitores e inspirar releituras através dos séculos XX e XXI.

A curiosidade incomum dos estudos da literatura por permutações disciplinares justificam o acento desigual sobre questões atuais, concernentes tanto àquelas disciplinas mais próximas, quanto àquelas mais afastadas tradicionalmente. O artigo, nesse sentido, entende-se como reflexão sobre o efeito do cruzamento de fronteiras disciplinares (a Física, de Marcelo Gleiser na segunda seção; a Filosofia Positiva, de Auguste Comte; o Construtivismo Radical, de Paul Watzlawiski na terceira seção e a Epistemologia Sistêmica de Maria José Esteves de Vasconcellos, nas considerações finais) nos estudos literários, que influenciam a construção mesma do objeto de investigação. A multiplicidade das questões aventadas confronta procedimentos tradicionais na medida em que, sobretudo, o senso comum da disciplina se distancia da noção de que seu campo possa ser definido exclusivamente a partir de objetos verbais determinados ou propriedades essenciais de obras literárias.

É neste sentido que nos parece essencial investigar os modelos epistemológicos e teóricos que sustentam – e atravessam – as concepções literárias no século XIX, em uma de suas configurações exemplares, o conto policial, e mostrar como a mudança destes pressupostos encontra resposta na configuração do romance contemporâneo.

Na qualidade de contraponto, sinalizaremos o enfraquecimento e a substituição de hipóteses do ideário do positivismo elaborado pelo filósofo Auguste Comte. Enquanto os

modelos de conhecimento em vigor no novecentos ainda podem ser evocados para justificar a permanência quase inalterada do gênero policial em sua forma clássica no circuito da comunicação de massa, fica visível o questionamento destes no caso de romances policiais que se situam de modo híbrido entre uma produção de massa e um projeto que aspira a um público mais culto, tornando-se radical nas tendências mais exigentes do romance contemporâneo – especialmente a partir da década de 80. Logo, são as motivações desta mudança e as formas que assumem na dimensão epistemológica e no espaço da escrita literária que orientam o desenvolvimento desta reflexão.

*Meus lugares escuros*, de James Ellroy, nos oferece impasses imediatos para tentativas de classificação segundo distinções de gênero tradicionais, não se tratando nem exatamente do gênero autobiográfico segundo distinções de gênero tradicionais nem exatamente do gênero autobiográfico, nem do policial *noir* (ao qual o autor é geralmente vinculado), mas uma narrativa que oscila entre as duas formas tipológicas, revelando a estrutura complexa de um processo de autoconhecimento, a partir do projeto do escritor de investigar a morte da mãe, assassinada na Califórnia dos anos 50.

Escrevi meu romance e o vendi. Era sobre o crime em Los Angeles e mim mesmo. Tinha medo de emboscar a ruiva e revelar seu segredo. Ainda não tinha conhecido o homem que a traria de volta para mim. Ela me deu um quebra-cabeças duradouro sobre o qual ponderar e com o qual aprender. Ela me deu o horário e o local de sua morte para com eles extrapolar. Eu estava à caça de conhecimento. *Estava à caça de minha mãe como verdade*. Ela me ensinou algumas verdades no escuro de um quarto (ELLROY, 1999, p. 259 – grifo nosso).

A travessia da ficção para a não ficção ocorre no próprio romance. O foco narrativo desloca-se continuamente ao longo das quatro partes, oscilando entre uma terceira pessoa aparentemente extradiegética, para a primeira pessoa como instância autoral, sinalizando, de certo modo, a relação entre sujeito e objeto. O narrador circula entre dois mundos. O interior, governado por fantasias compulsivas, é uma ponte esquizóide com o exterior, de tal forma que seu raciocínio é direcionado internamente e canalizado para a narrativa. O narrador circula entre dois mundos. Suas fantasias adolescentes funcionavam como uma ponte entre os dois mundos em que vivia: “O grande tema de minhas fantasias era o crime. Eu vivia em dois mundos. Fantasias compulsivas governavam meu mundo interior. O mundo exterior se intrometia com frequência excessiva. [...] Meus dois mundos viviam em rota de colisão” (ELLROY, 1999, p. 139). O narrador desenvolve espécie de “sensibilidade de tablóide”: sua mente tornou-se algo como “um mata-borrão policial” (ELLROY, 1999, p. 133). As ideias, extraídas dos jornais

sensacionalistas, alimentavam-no enquanto forneciam “migalhas de dados avulsos”, com os quais sua mente, uma espécie de “esponja cultural [...] construía uma visão demente de mundo com migalhas de dados avulsos. Eu seqüestrava a cultura popular em pleno vôo e entulhava meu mundo interior com seus destroços. [...] O crime ligava meus mundos – interior e exterior” (ELLROY, 1999, p. 145).

Para este narrador, escrever romances policiais é confrontar a história central de sua vida, uma espécie de centro oco que persegue continuamente. Procurava desviar-se da presença da mãe lendo romances policiais infantis,

fórmula literária criada especialmente para *mim*, que me fazia lembrar e esquecer em doses iguais. Eu devorava aqueles livros e, felizmente, ignorava completamente a dinâmica interna que os tornava tão sedutores [...]. Eu raramente pensava em minha mãe. Ela foi colocada na sua respectiva caixinha e definida pela atual indiferença de meu pai à sua memória. [...] Ela tinha desaparecido. Cada livro que eu lia era uma homenagem deturpada a ela. Cada mistério solucionado era o meu amor por ela em elipses (ELLROY, 1999, p. 121-122).

A dinâmica dos romances policiais clássicos, uma sequência de eventos que, causal e linearmente organizadas conduzem ao desvendamento do enigma ao final, atrai o narrador ainda adolescente. Adulto, esse o impulso investigativo move-o em direção a seu enigma pessoal enquanto escreve seus próprios romances policiais. Ao contrário dos policiais infantis, no entanto, o mistério continuou insolúvel, apesar de todos seus esforços. O não desvendamento do enigma só aumenta, no entanto, a vontade de continuar a busca. Saber o que não sabia movia sua (auto) procura, pois sua “vontade de procurar e de saber continuava forte e perversamente em sintonia. [...] Eu não queria que terminasse. Eu não deixaria que terminasse. Não queria perdê-la outra vez” (ELLROY, 1999, p. 442). Narrador e detetive tornam-se intercambiáveis, desvendar o enigma é descobrir a si mesmo.

### **Intriga policial e autoconhecimento**

“Que canção cantavam as sereias? Que nome tomara Aquiles quando se ocultou entre as mulheres? Perguntas são estas de embaraçosa resposta, é certo, mas que não estão fora de possíveis conjeturas”. A passagem, extraída do capítulo quinto de *Hydrotaphia, Urn-Burial* (1634-35) de Sir Thomas Browne (1605 – 1682) serve de epígrafe a *Os Crimes da Rua Morgue*, publicado em 1841 (doravante, CRM). As epígrafes em Edgar Allan Poe, antes de demonstrar sua enorme erudição, remontam ao resgate de um tema antigo e à reelaboração deste tema,

modernamente contextualizado – literária e filosoficamente - através de um viés dedutivo, duas questões importantes e interligadas.

Quando o romance de enigma surge, é recebido com entusiasmo, encantando intelectuais, escritores e leitores, tendo sido considerado primeiramente “não como uma literatura marginal, mas como uma forma completamente nova de literatura” (BOILEAU; NARCEJAC, 1975, p. 23). Os contos de raciocínio, como Poe os chamava, rompem com o romance tradicional, colocando-o em contato com a ciência e subordinando a inspiração romântica ao rigor lógico, e por isso “longe de ser considerado como menor (...) pareceu ao contrário, abrir um caminho inexplorado” (BOILEAU; NARCEJAC, 1975, p. 25).

Em *Os crimes da rua Morgue* encontraremos a estrutura básica, binária, de todo romance policial de enigma, que enfatiza a forma de apreensão do detetive - a segunda história - de uma ação passada, o crime - a primeira história (REIMÃO, 1983, p. 15). O método de investigação hipotético-dedutivo de Dupin é manifestação estrutural da aplicação de princípios positivistas à literatura que Poe preconiza.

Em seu mais recente livro, *O fim da Terra e do Céu* (2001) o físico brasileiro Marcelo Gleiser parte da observação que durante a história da humanidade uma mescla de atração e terror marca a percepção da passagem do tempo. No ensaio de gerar uma herança que tenha uma sobrevivência maior que a nossa própria, “nós criamos artes e teorias” (GLEISER, 2001, p. 9). Buscando consolo diante da morte, religiões ocidentais e orientais construíram uma relação profunda entre o final dos tempos e o desarranjo de uma ordem cósmica. Consequentemente os céus, enquanto meio de comunicação ativa entre Deus e os indivíduos, continuam a ser observados com expectativa e medo diante da aparição iminente dos “sinais” do fim.

No livro, Gleiser explora a apropriação religiosa dos fenômenos cósmicos e também a influência de ideias apocalípticas na ciência, desde o pensamento pré-socrático até a moderna astrofísica. Sua motivação para o estudo da natureza física do Universo vem “das ‘grandes questões’ de origens e fins”, embora seu cotidiano seja ocupado majoritariamente por cálculos e programas de computador. Um de seus objetivos é, assim, “aproximar da nossa vida a ciência, mostrando como ela é produto do ambiente cultural e emocional em que é criada” (GLEISER, 2001, p. 11). Por não acreditar na apreciação dos resultados de nossa criatividade através da divisão do conhecimento em compartimentos isolados, principalmente quando estão sob exame questões que transcendem uma área única do pensamento, Gleiser adota um foco essencialmente multidisciplinar na abordagem da questão do “Fim”, explorando a complementaridade dos caminhos tomados pela ciência e pela religião (11). Diversas crônicas

medievais e renascentistas comentam a existência de um grandioso redemoinho na costa norueguesa, o incrível e temível Maelström, o *umbiculus maris*, o umbigo do mar. À força lendária deste turbilhão creditava-se a existência do portal principal que controlava o fluxo das marés de todos os mares do mundo, conectados por canais subterrâneos.

O jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601-80) descreveu o redemoinho em seu tratado *Mundus subterraneus* (1665): “Todo redemoinho forma-se em torno de uma rocha central, a qual tem uma grande caverna para onde a água flui; o movimento giratório é criado como em uma bacia de onde a água escoava através de um furo em seu centro” (KIRCHER, *apud* GLEISER, 2001, p. 231). Gleiser toma a descrição setecentista pela possibilidade de visualização através das várias imagens que contém, com um buraco negro: redemoinhos formados em torno de um objeto, uma região de onde nada regressa, uma passagem para o mundo dos mortos na mitologia nórdica e várias outras. Somente uma pessoa, ressalta Gleiser, conseguiu “escapar com vida de suas monstruosas entranhas, [...] emergir das profundezas do turbilhão: o narrador do conto de Edgar Allan Poe, “Descida no Maelström”, publicado também em 1841, cuja apavorante experiência tornou seus cabelos negros, brancos (GLEISER, 2001, p. 232). O período da provação do narrador é indeterminado, mas seu pavor transmuta-se em adoração pela grandiosa beleza do fenômeno. Após a revelação o narrador é atraído por uma vontade irresistível de vislumbrar o que se encontra além das profundezas do abismo, quer buscar seu centro:

A profundidade no centro do Moskoe-ström deve ser incomensuravelmente maior; e nenhuma prova maior desse fato se necessita do que a que se pode obter, mesmo de um olhar distante e oblíquo, no abismo do torvelinho, como o que se pode dar do mais alto rochedo de Helseggen (POE, 1981, p. 876).

Gleiser identifica esta emoção na literatura no fazer da ciência através da “curiosidade que inspira os cientistas e exploradores a descobrir novos mundos, sejam eles parte de nossa realidade concreta ou imaginária” e, a partir dela (do trecho de Poe e da emoção que ele transmite), inicia sua própria “peregrinação fictícia até as entranhas de um buraco negro durante a qual algumas das propriedades desse objeto serão investigadas, enquanto outras serão imaginadas” (GLEISER, 2001, p. 232). Segue-se uma narrativa ficcional de Gleiser inspirada pelo conto de Poe. O que nos interessa, contudo, é a possibilidade de levantarmos questões pertinentes ao nosso argumento central: a identificação do cientista e do narrador de Poe como investigadores, detetives, em sua sedução pelo “além” do abismo, ou seja, a busca por um centro e a observação de que esta indagação se dará por meio da investigação e da imaginação. Onde,

perguntamos, podemos traçar o limite entre uma e outra diante das posições de Nouvel? O que move então estas duas figuras que se utilizam de um mesmo método investigativo numa busca antecipadamente infrutífera? O encanto contemporâneo de Gleiser evidencia uma atração extraliterária entre ciência e ficção. Se, conforme nosso argumento, um texto como “Descida ao Maelström” gira em torno da mesma conjectura filosófica que move os contos de enigma de Poe, num diálogo constante do autor entre suas obras em direção à formulação de um princípio emblematizado por *Os crimes da rua Morgue*, como se encontram hoje as relações entre os meios investigativos da ciência dos séculos XIX e XXI? A procura por uma metateoria, conclui Gleiser, “capaz de abraçar a ‘todas’ as questões, ainda que racional e técnica, é também uma busca apaixonada por algo muito maior que nós, algo além do tempo, algo universal, algo que nos aproxime de uma noção abstrata de pura sabedoria” (GLEISER, 2001, p. 316).

### **Procurando no escuro**

Conjuguemos então esta busca incessante através de sua manifestação na literatura e na ciência. O narrador de *Meus lugares escuros* declara ao final da busca frustrada pelo assassino da mãe. Diante do enigma que permanece indecifrado, duradouro, ele afirma:

nunca vou parar de procurar. Eu não deixarei que isto termine. Eu não a trairei e não a abandonarei outra vez. Estou com você agora. Você fugiu e se escondeu e eu a achei. Seus segredos estão a salvo comigo agora. [...] Saqueei seu túmulo. Eu a revelei. [...] Aprendi coisas a seu respeito. Tudo o que aprendi me fez amá-la com intensidade ainda maior. Eu saberei mais. Seguirei seus rastros e invadirei seu tempo oculto. Descobrirei suas mentiras. Reescreverei sua história e revisarei meu julgamento, à medida que seus antigos segredos forem explodindo. Justificarei tudo isto em nome da vida obsessiva que você me legou. Não consigo ouvir sua voz. Consigo sentir seu cheiro e o sabor de seu hálito. Posso senti-la. [...] Você se foi e eu quero mais de você (ELLROY, 1999, p. 443).

“A investigação continua”, informa uma nota, solicitando que informações sobre o caso sejam “enviadas para o detetive Stoner” por telefone ou *e-mail* (ELLROY, 1999, s/p). A nota extrapola a moldura diegética, trespassando as fronteiras já complexas, no romance, entre realidade e ficção. O que conta é que o enigma não foi desvelado, mas a busca continua infinita, dentro e fora da narrativa. Este novo detetive continua sua busca, onde provas não encaixam como peças de um quebra-cabeça cujo arcabouço constitui-se pelo mistério da morte da mãe:

Eu era um detetive sem sanções oficiais e sem as restrições de provas. Eu podia pegar sugestões e boatos e considerá-los verdadeiros. Eu podia viajar a vida dela na minha própria velocidade mental. [...] Eu podia envelhecer na minha busca. [...] Eu podia abrir mão da minha busca com devota isenção e esperar o momento em que nossos olhares se cruzassem com alguma nuvem (ELLROY, 1999, p. 442).

O enigma, duradouro, continua a ser perseguido a partir da premissa de que somente fatos questionáveis, em função de um método oficial de investigação, podem, paradoxalmente, mantê-lo em movimento. Uma prova corresponde, tradicionalmente, ao caráter de um objeto de conhecimento que não comporta nenhuma dúvida quanto à sua veracidade e falsidade, ligando-se à certeza. Isto é, a certeza, percebida como prova de assentimento que se pretende objetiva e subjetivamente eficiente poderia ser definida como construção, baseada no conceito de produção de diversos modos de conhecimento em vez de um objetivo inatingível de evidência universal.

A desistência de uma questão metafísica oferece uma perspectiva do conhecimento e seus objetos para aqueles que se preocupam com sua intervenção no mundo. Para indivíduos, como nós, desconfiados das certezas do pensamento científico e das soluções de enigmas, mas apaixonados pela conjectura, pelas perguntas. Este detetive/cientista assim está determinado a ser um detetive/cientista, completamente novo, está consciente de que vive – e opera – num mundo diferente daquele do investigador do século XIX, o mundo concebido como uma máquina com determinada engrenagem cujas peças, separadas, podem explicar-lhe o funcionamento. Sua realidade deve incluir as imagens das nuvens, sempre abertas a novas configurações, como respostas sempre provisórias e multiformes ao enigma. E, sobretudo a fazer um retorno auto-reflexivo, ou seja, aplicar a ciência sobre si mesma para então problematizá-la e reformulá-la – e conseqüentemente seus próprios pressupostos sem valorizar as respostas, sempre provisórias, apenas movido pela vontade de procurar.

Isto equivale a pensar o observador/investigador não mais imune à realidade/crime que observa, porque a partir do momento em que o observador começa a observar o mundo estará também se auto-observando. Esta própria relação de observação com o mundo passará a ser seu objeto de investigação, tratando-se, portanto de uma observação de segundo grau. Em teorias de conhecimento atuais tornou-se senso comum o acento sobre a subjetividade do investigador/cientista no discurso científico. No caso deste investigador, uma foto de 36 anos definia o enigma “como um corpo deixado numa estrada e como fonte de inspiração literária. Eu não tinha como separar o ela do eu” (ELLROY, 1999, p. 258).

Esta permeabilidade entre a mãe e o personagem concede-lhe habilidades – literárias – obsessivas, que brotam como “a busca de um conhecimento sombrio” e mais ainda, uma maldição da obsessão dada pela mãe deu-lhe o dom que “adotou seu formato final na linguagem” (ELLROY, 1999, p. 259). Assim, o romance *Dália negra*, escrito a partir de um crime real, o assassinato da jovem Betty Short, passa a assumir uma função de “substituta simbiótica para Geneva Hilliker Ellroy” (ELLROY, 1999, p.130). A jovem transformou-se numa espécie de obsessão coletiva da Los Angeles do pós-guerra. A alusão ao romance de 1987 de James Ellroy exemplifica a relação intertextualidade/enigma: a solução de um livro está em outro. Em *Dália negra* encontramos o germe de busca da morte da mãe como verdade, uma espécie de centro oco que ocupa ambos os romances. “Procure a mulher”, recomenda um velho policial em *Dália negra*, ao personagem do investigador Bucky Bleichert, a quem está entregue a narração do romance: “*Cherchez la femme*, Bucky. Lembre-se disso” (ELLROY, 2000, p. 17).

*Cherchez la femme*, norma de investigação criminal, torna-se, nesta narrativa, não apenas endoxa retórica, regra intertextual que usamos, além daquelas de gêneros que utilizamos a fim de explicarmos um texto, de forma semelhante às leis que utilizamos para explicar universos. A regra não funciona e a busca remete ao infinito. *Cherchez la femme*, este imperativo, assumirá o papel de uma norma perseguida com insistência, sem no entanto revelar-se eficaz. Ou melhor, o investigador sabe que é o método disponível, mas também percebe que a investigação num mundo diferente torna-se problemática.

A física fundamental confronta a realidade, à semelhança das considerações sobre o jogo de uíste em *Os crimes da rua Morgue* como um desafio intelectual. Na extensa parte introdutória do conto *Os crimes da rua Morgue*, uma voz autoral adverte não estar “escrevendo um tratado, mas simplesmente prefaciando uma narrativa um tanto estranha com observações feitas muito ao acaso” (POE, 1981, p. 67). Resulta daí uma análise dos efeitos da habilidade analítica - nos termos positivos somente os efeitos se dão a conhecer, visto que o funcionamento do cérebro é inobservável e do gosto do analista pelas ocupações, por mais triviais que sejam, que façam emergir seus talentos. Este, aprecia enigmas, adivinhações e hieróglifos, “exibindo em cada uma das soluções um grau de acúmen que parece, à mentes comuns, sobrenatural. Seus resultados, trazidos pela alma e essência do método, têm, na verdade, todo um ar de intuição” (CRM 65). O objetivo do prefácio é, por assim dizer, estabelecer a diferença entre o cálculo e a análise, em que se pese que a última é reforçada em muito pela matemática. Para ilustrar sua tese, a voz autoral tece uma comparação entre os jogos de xadrez e damas. No primeiro, o

jogador “faz um movimento sem sobrecarregar o outro. Acontece que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre o caráter mental, é muito mal compreendido” (CRM, 66). Desenreda, a partir daí, uma comparação entre a “frivolidade elaborada do xadrez” e o simples jogo de damas, que desafia até a capacidade mais elevada da habilidade reflexiva, na medida em que os movimentos são únicos, pouco variados, ao contrário das diferentes peças e bizarros movimentos do primeiro. Se no xadrez é o jogador mais atento que vence, posto que “a atenção é rigorosamente posta em jogo”, e a distração leva à derrota, no jogo de damas, vence o jogador mais perspicaz, pois “as probabilidades de erro são reduzidas, e sendo a atenção comparativamente desprezada, as vantagens obtidas por qualquer das partes o são por um acúmen superior” (CRM, p.67). Contudo o jogo que constitui maior desafio para a habilidade analítica é o uíste – um jogo de cartas, considerado o ancestral do bridge, em que predomina o recurso ao cálculo das probabilidades. Da proficiência no uíste decorre o sucesso

em que todos os empreendimentos mais importantes nos quais a mente luta com a mente. Quando digo proficiência, quero dizer aquela perfeição no jogo que inclui a compreensão de todos os recursos de onde se deriva a vantagem legítima. Estas não são apenas diversas, mas multiformes, e encontram-se freqüentemente nas profundidades do pensamento, inteiramente inacessíveis ao entendimento comum ( CRM, 68 ).

O desvendamento do crime corresponde ao desfecho de uma competição de intelectos. A narrativa representa, assim, uma descrição detalhada dos movimentos precisos do detetive, cuja habilidade é superior à da polícia e só encontra oponente à altura no próprio criminoso, enquanto a habilidade da polícia está para o da multidão e logo, inapta para solucionar o mistério. O melhor jogador será aquele que se revelar mais hábil nos itens além de simples regras, inferindo e observando, em silêncio, bem como o fazem, talvez seus companheiros. Contudo, é a qualidade da observação e não a quantidade que realmente importa, pois o necessário é saber o que se tem de observar. Nosso jogador não se confina ao jogo, somente porque é o jogo seu objetivo do momento. Examina a fisionomia do parceiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus adversários. Considera a maneira pela qual são arrumadas as cartas em cada mão; e muitas vezes conta, pelos olhares lançados pelos possuidores às suas cartas, os trunfos e figuras que têm. Nota cada movimento do rosto, à medida que o jogo se adianta, coligindo um cabedal de ideias, graças às diferenças fisionômicas indicativas de certeza, surpresa, triunfo ou pesar (CRM, 66-67).

O plano de jogo, além de ser um plano de detecção corresponde a um plano de composição que aponta para o propósito de Poe de atingir a perfeição na composição de um

método aplicável a todas as artes a partir do conto. O detetive criado por Poe pode ser identificado assim com um homem-máquina, ilustrando o catecismo positivo de sua época, capaz de compreender o mundo - por sua vez concebido como uma engrenagem - e como tal passível de ser desmontada. A compreensão da regularidade dos fenômenos e a aplicação destas leis permite, então, decifrar o mundo. A leitura das pistas do mundo leva, deste modo, também ao deciframento do homem .

O arcabouço filosófico que sustenta sua investigação ganhará espaço e profundidade no campo do romance com *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle para apresentar Sherlock Holmes em 1841, assumindo a base estabelecida pelo modelo de detetive em referências intertextuais. Ambos herdam o otimismo diante das possibilidades de avanço tecnológico para a solução de problemas que permitiriam o progresso moral e material do indivíduo e da humanidade que animou o século XVIII. No mundo assim construído, ou seja, a partir do pensamento causal clássico, duas propriedades diversas se dão, natural e inevitavelmente: a cisão entre sujeito/observador e objeto/observado e a ordenação geral do mundo observado em pares de opostos. Esta ordem se confirma, para o conhecimento humano, em experiências diárias, como causa e efeito, dia e noite e uma lista interminável de pares nos quais os opostos se chocam violentamente. A esperança positiva da descoberta, graças ao ajuste entre raciocínio e observação, das leis efetivas dos fenômenos do universo, de suas relações fixas de sucessão e semelhança, renunciou à procura da origem e destino do universo. Este número, por sua vez, tenderia a ser progressivamente diminuído através do progresso da ciência. Os esforços do homem devem reduzir-se então ao domínio da “verdadeira observação, única base possível de conhecimentos verdadeiramente acessíveis sabiamente adaptados a nossas necessidades reais” segundo o *Discurso Positivo* (COMTE, 1983, p. 147).

Ou seja, pela observação e a previsão podemos construir uma base de conhecimentos. É, portanto, para a utilidade deste conhecimento que convergem estes dois aspectos. A previsão e o controle dos fenômenos estão voltados, em última análise, para o restabelecimento e realização de um programa universal que regulamentasse e regenerasse a vida humana, tanto privada quanto pública. Validado pela observação sistemática, o conhecimento é “o destino necessário de nossas especulações sadias”, devendo ser não meramente acumulado mas aplicado com o objetivo último de conduzir a humanidade ao progresso geral e ininterrupto, ao “aperfeiçoamento contínuo de nossa verdadeira condição individual ou coletiva, em lugar da vã satisfação de uma curiosidade estéril”, segundo o Catecismo Positivista (COMTE, 1983, p. 47). No contexto geral da falência desta convicção, Paul Watzlawick, em “A perfeição

imperfeita” (1984), lembra que esta é um longo confronto que “ainda não sagrou, porém, a vitória definitiva de nenhuma das falanges”, restando indagar-se se acaso “existirá algo no cerne da luta e da negação do qual se nutre a força do oponente? A pergunta é retórica: Heráclito já o sabia: toda coisa, para existir, necessita de seu contrário” (WATZLAWICK, 1984, p. 166).

Na ciência moderna, a dissensão constitui-se da severa separação do sujeito observador e do objeto observado. Atualmente, o fato incontornável, segundo o autor, é que a essência da perfeição contém algo que conduz à imperfeição. Este ponto de vista, porém, não constitui uma nova interpretação, mas a suposição de que a desejada perfeição ainda não é a autêntica perfeição, e que por este motivo nos cabe procurar mais dela. Assim percebemos, por exemplo, as construções científicas e sociais estabelecem realidades que são o contrário do estado ideal tencionado, enquanto ocorre o mesmo com o indivíduo: quem deseja esquecer relembra ainda mais dolorosamente. Para chegarmos à perfeição é preciso desarraigá-la. Mas este imperativo enreda o anseio da perfeição numa armadilha imposta no confronto com o impulso da negação e na premissa desta utopia, pois uma negação não equivale à negação da negação. A última supõe uma retroação sendo, assim, paradoxal. Em resumo, trata-se, segundo Watzlawick (1984, p.167), do seguinte: “pode-se refutar uma idéia (ou hipótese, cosmovisão etc.) ou porque se sustenta uma opinião contrária ou porque não se tomou partido nem da idéia nem da sua negação (seu oposto) e, portanto, nos encontramos à margem do conflito entre afirmação e negação”. Ou seja, estamos fora do par de contrários e somos por isso, autônomos. Não se trata de estar a favor ou contra nesta contenda, mas apesar disso – e aí está o ponto central – entramos em choque com a visão maniqueísta que opera uma divisão do mundo em pares de opostos, uma separação que aparentemente o trespassa e define.

Contudo, assim que compreendemos que a negação dos contrários e a permanência fora do contorno dos pares de contrários são dois modos de negação essencialmente diversos, e que apenas “em virtude de certo malabarismo mental ou na órbita do pensamento primitivo podem ser concebidas como uma e mesma realidade, fundada na negação e na afirmação, abre-se-nos uma via que nos permite escapar desse dilema paradoxal” (WATZLAWICK, 1984, p. 167). Então, reparamos no aspecto inumano desta construção que perpassa nossa vida cotidiana e social, fato aceito resignadamente como dado apriorístico do mundo real. O pensamento maniqueísta não pode permitir-se evitar a imperfeição inata, pertencente à natureza de toda suposta perfeição e decorrência inevitável de sua vontade de perfeição. Logo, o paradoxo torna-se uma pedra de toque, num sentido não somente metafórico, mas bastante concreto.

Em *Pós escrito a O nome da rosa*, Umberto Eco (1985) discorre sobre o processo de composição do romance e confirma a natureza filosófica da intriga policial, moldura por ele escolhida para construir o mundo narrado de *O nome da rosa*: “No fundo, a pergunta básica da Filosofia (como a da psicanálise) é a mesma do romance policial: de quem é a culpa?” (ECO, 1985, p. 22). Uma quarta razão, além da filosófica, da literária e da científica conforme procuramos demonstrar, delinea a pergunta sobre a devoção de autores e críticos ao policial, numa época em que perdemos a expectativa de solucionar o enigma de forma definitiva. Trata-se de uma razão imperfeita, da qual partilham o cientista e o detetive: a dedicação apaixonada que impulsiona e mantém a *busca* da elucidação do mundo, e não *pela* elucidação. Mudados os mecanismos, mudou a esperança por resultados. O que conta é a procura, permanente, e os resultados, sempre imperfeitos porque provisórios.

### **Considerações finais**

A profundidade demasiada prejudica o pensamento na busca pela verdade, diz Dupin em *Os crimes da rua Morgue*. A observação excessivamente contínua, concentrada ou direta prejudica “o pensamento; é possível fazer até a própria Vênus esvanecer” ou, analogamente, obscurecer a investigação dos crimes da rua Morgue (POE, 1981, p. 148). Este sujeito cartesiano, distante do mundo de modo a explicá-lo coerentemente com a promessa positivista, deu lugar a um observador privilegiado, que não pode evitar a observação no ato de investigação do mundo. Com a emergência do observador do segundo grau no final do século XIX, a relativização do saber produzido, vinculado a múltiplos pontos de vista, altera a expectativa em relação a um observador que não é mais uma mera figura *mental*. Sua configuração não é mais a de um distanciamento, mas de um contato com o mundo. O duplo movimento de aproximação do observador do mundo e a perda de um conceito tradicional de verdade geram uma atitude paradoxal nesta parte da narrativa contemporânea da qual tratamos. Embora já não esperemos que o conhecimento nos ofereça uma imagem fidedigna de uma realidade anterior e exterior, continuamos indagando acerca desta realidade que se apresenta nova, uma imagem renovada de mundo, não tecida por fios singulares que uma vez puxados pela visão do investigador positivista, mas como uma malha entretecida. Ou seja, a busca já não se dá exclusivamente como procura de uma correspondência icônica com o real.

O problema do pensamento tradicional desaparece diante de novas concepções do conhecimento, sendo que a ordem cósmica anterior foi substituída por possibilidades de

construir esta ordem, uma criação estabelecida por etapas prévias de construção. Esta busca amparada pela noção de *indagação da realidade* é incompatível, portanto, com o pensamento tradicional. As muitas imagens filosóficas do mundo, científicas, sociais e individuais, apesar de muito diversas, partilham, no entanto, um mesmo denominador: o suposto que não existe somente uma realidade, que corresponde mais explicitamente a determinadas teorias ou ideologias do que outras. Coloca-se então a questão dos modos de construção destas realidades. A realidade circundante, “é invenção nossa”, nos termos de Paul Watzlavick (WATZLAVICK, 1984, p. 23). A crise da razão permite ao novo detetive na narrativa contemporânea reinventar a realidade, pelo amor à procura do enigma, embora não espere mais encontrar a prometida resposta. Estabelecer a natureza do método investigativo contemporâneo torna-se impossível quando pretendemos adotar os pressupostos epistemológicos da ciência tradicional - a simplicidade, a estabilidade e a objetividade – se não assumimos também outros.

Segundo Maria José Esteves Vasconcellos em *Pensamento Sistêmico: o Novo Paradigma da Ciência* (2002), apesar da enorme gama de desenvolvimentos científicos contemporâneos podemos distinguir três eixos correspondentes a avanços nas dimensões epistemológicas clássicas: da simplicidade à complexidade (é preciso ver e lidar com a complexidade do mundo em vários níveis), da estabilidade à instabilidade (percebemos que o mundo é dinâmico e está em processo e, portanto, devemos considerar a indeterminação, ou seja, a natureza imprevisível, irreversível e incontrolável de alguns fenômenos) e finalmente, da objetividade à intersubjetividade na determinação do conhecimento do mundo. O reconhecimento de que o mundo, seu conhecimento científico é socialmente construído em espaços consensuais, internalizado e institucionalizado por diversas comunidades científicas, transforma a supressão da subjetividade em um questionamento da objetividade (VASCONCELLOS, 2002, p. 153). Analogamente, acreditamos, o cientista/detetive opera em espaços múltiplos da realidade. A complexidade representa uma dimensão importante neste novo paradigma. Atualmente, o termo não implica uma ausência ou insuficiência teórica, transformando-se em uma questão, objeto de estudo e pesquisa sistemática. Na medida em que o desenvolvimento das ciências da informação oferece meios para a problematização da complexidade, e, principalmente, para a tentativa de estabelecimento de respostas, a apropriação de elementos do romance de enigma - fundado sobre a simplicidade - por parte da narrativa contemporânea permite pensar a complexidade e a constante busca de soluções ainda que estas sejam inalcançáveis por instrumentos clássicos de indagação da realidade.

A física coloca um problema lógico, quando a lógica clássica demonstra-se insuficiente para lidar com paradoxos por ela identificados. O paradoxo constitui o “calcanhar-de-aquiles” da noção aristotélica de mundo, denunciando a incapacidade dos pares de opostos que fundamentam a concepção lógico-analítica-racional de mundo em descrevê-lo. Se o romance de enigma reflete um modelo de cientificidade clássica para o qual a constatação da possível existência de contradições lógicas representa um problema, na absorção e no questionamento desta estrutura narrativa em *Meus lugares escuros*, de James Ellroy, manifesta-se o modelo da complexidade. Derivada do latim *complexus* – aquilo que é tecido em conjunto, como um tapete – estas narrativas partem da evocação ao romance de enigma como paradigma que treina o leitor para perceber o mundo simplificando-o através da aplicação dos supostos científicos tradicionais. Se a dominância da simplicidade dificulta a percepção da complexidade, a porção da narrativa contemporânea, objeto de nossa investigação, não somente manifesta e problematiza a simplicidade, como nos confronta com a complexidade crescente do mundo contemporâneo, permitindo pensá-lo como uma enorme tapeçaria entretecida de fios múltiplos.

Enquanto o romance de enigma permite estabelecer o pensamento simplificador, estas narrativas nos oferecem a possibilidade de pensar o complexo: ao mudarmos o foco, vemos coisas diferentes. Em outras palavras, para pensar complexamente é necessário mudar convicções básicas. Nossa reflexão entende que o objeto de estudo deva ser contextualizado, em vez de claramente delimitado. Tal procedimento exige uma ampliação do foco, deixando de enfatizar exclusivamente o enigma para poder entrever sistemas mais amplos, que incluam as relações entre enigma e a realidade circundante. Em nossa perspectiva, o pensamento disjuntivo, característico de processos de redução traduzido pela alternativa do tipo “isto ou aquilo”, é substituído por um pensamento integrativo, do tipo “isto e aquilo”. Trata-se de um processo dialógico, onde sabemos antecipadamente que não chegaremos a uma solução unificadora, necessário para uma articulação que se propõe a manter a multiplicidade em meio à unidade sem pretensão de síntese. Focalizamos as possíveis e necessárias relações entre as disciplinas mútuas, contribuições e subsídios que fornecem para o desenvolvimento de nossos argumentos, contrariamente a uma abordagem redutora de compartimentação das instâncias do conhecimento. Pensar um objeto – em nosso caso, o enigma e a narrativa contemporânea – significa pensar em sistemas complexos cujas múltiplas interações não subscrevem uma causalidade linear. Na lógica clássica, a contradição sinaliza perigo, alertando para um erro lógico, imobilizando o pensamento linear. A busca de verdades engendrada com persistência pela narrativa contemporânea, diferentemente, é mobilizada continuamente pela força do

paradoxo. A simplificação de base do pensamento tradicional absolutiza a lógica aristotélica: o pensamento está subordinado à lógica, levando o cientista do século XIX a se deparar com situações em que a lógica não ajuda a confrontar o paradoxo. Se tradicionalmente tentava-se reduzir ou eliminar os paradoxos através da manutenção da lógica clássica, atualmente reconhecemos a necessidade de uma revisão, que possibilite a emergência de lógicas não clássicas. Pensar a narrativa contemporânea sob a perspectiva da complexidade não permite compreender o universo numa dimensão simplificadora, não oferece um método (não-positivo) para fazê-lo, mas gera, compensatoriamente, um desafio que estimula novas formas de pensar e agir..

As técnicas, recursos e conhecimentos desenvolvidos pela ciência tradicional estão disponíveis para o investigador/cientista de múltiplas realidades, mas seu uso se dá de forma completamente diferente de como operava antes da transformação paradigmática. Se não há leis definitivas acerca da realidade, mas apenas afirmações consensuais, estão perdidas as ingênuas esperanças de previsibilidade e controle que a ciência (empírica) considerava como real aquilo a que se referem seus enunciados, quando provados como verdadeiros. Este detetive *das* realidades – em contraponto ao detetive *da* realidade do século XIX – assume, assim como o novo cientista, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade, marcando literariamente a passagem do pensamento simples para o pensamento complexo sobre o qual lemos em *O enigma permanece*, e o novo detetive/cientista continua apaixonadamente buscando nomes *para* a rosa, com um foco mais abrangente, mais flexível e, sobretudo complexo, integrador, sem a intenção de um sentido oculto, ou mais de um, mas – afirmativa e incessantemente - de *sentidos*, de *verdades*, movido pelo enigma entendido agora como um imperativo cognitivo. De algum modo, essas questões em seu conjunto perpetuam *ad infinitum* as curiosidades perturbadoras em torno do enigma que iniciaram este artigo, formuladas, e imortalizadas, por Edgar Allan Poe na epígrafe de *Os crimes da rua Morgue*, que desafiam “a pergunta de resposta embaraçosa, mas que não se encontra além de toda conjectura: que canção cantavam as sereias?”.

## Referências

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. **O romance policial**. São Paulo: Ática, 1975.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o Espírito Positivo; Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo; Catecismo Positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito a O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELLROY, James. **Meus lugares escuros**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dália Negra**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2000.

GLEISER, Marcelo. **O fim da Terra e do Céu: o Apocalipse na ciência e na religião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia e ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

WATZLAVICK, Paul. A perfeição imperfeita. In: \_\_\_\_\_. **A realidade inventada**. Campinas: Editorial Psy II, 1994, p.165-168.